

159



EDITORIAL

Um **QI** mais rápido, mas, por isso, com menos páginas. Mas o encarte compensa um pouco, mais uma cortesia de Carlos Gonçalves, com o 11º ‘Artigos sobre Histórias em Quadrinhos’, dedicado a Gene Autry.

Muitos dos colaboradores regulares estão presentes: Gomez, Henrique Magalhães, E. Figueiredo, Lio Guerra Bocorny, Celso Ricardo, Luiz Cláudio Lopes Faria e Mário Labate.

E a mesma profusão de cartas-artigos na seção ‘Fórum’. A seção ‘Edições Independentes’ também ficou menor.

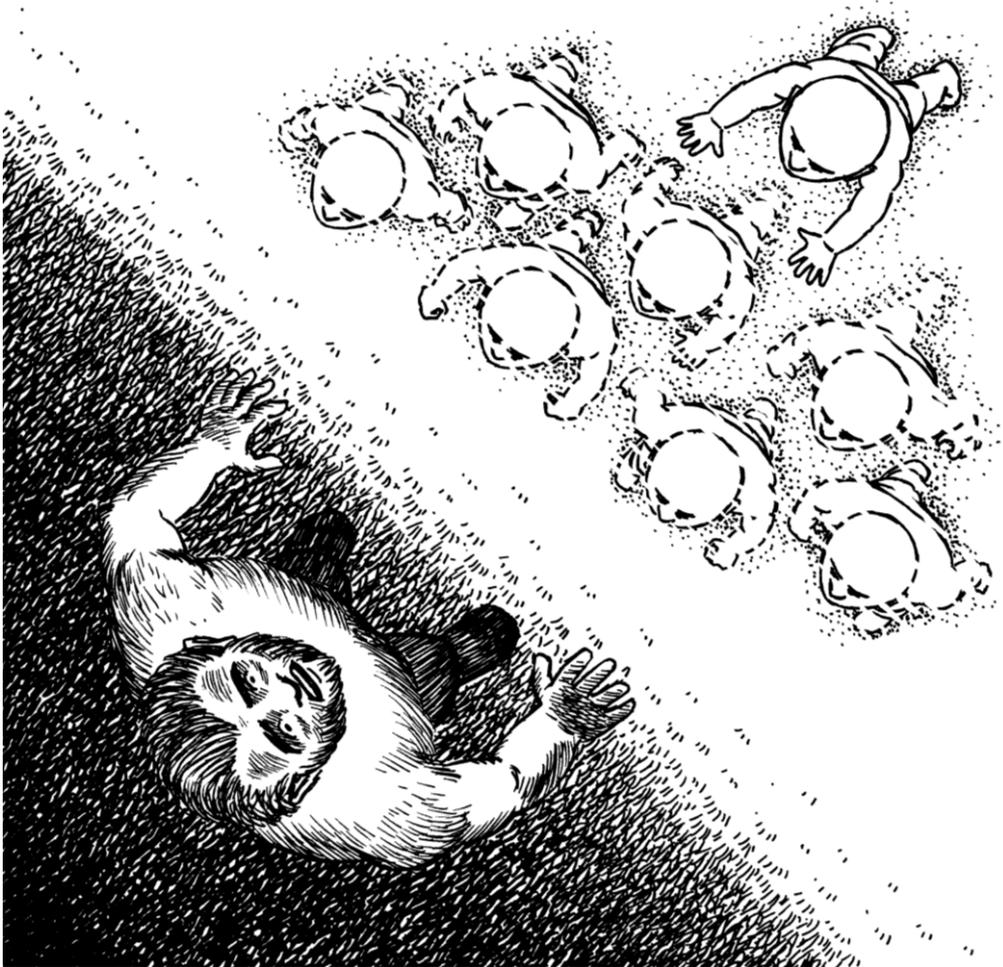
E na última página, a última sequência do Poeta Vital. Até mais!

Boa leitura!



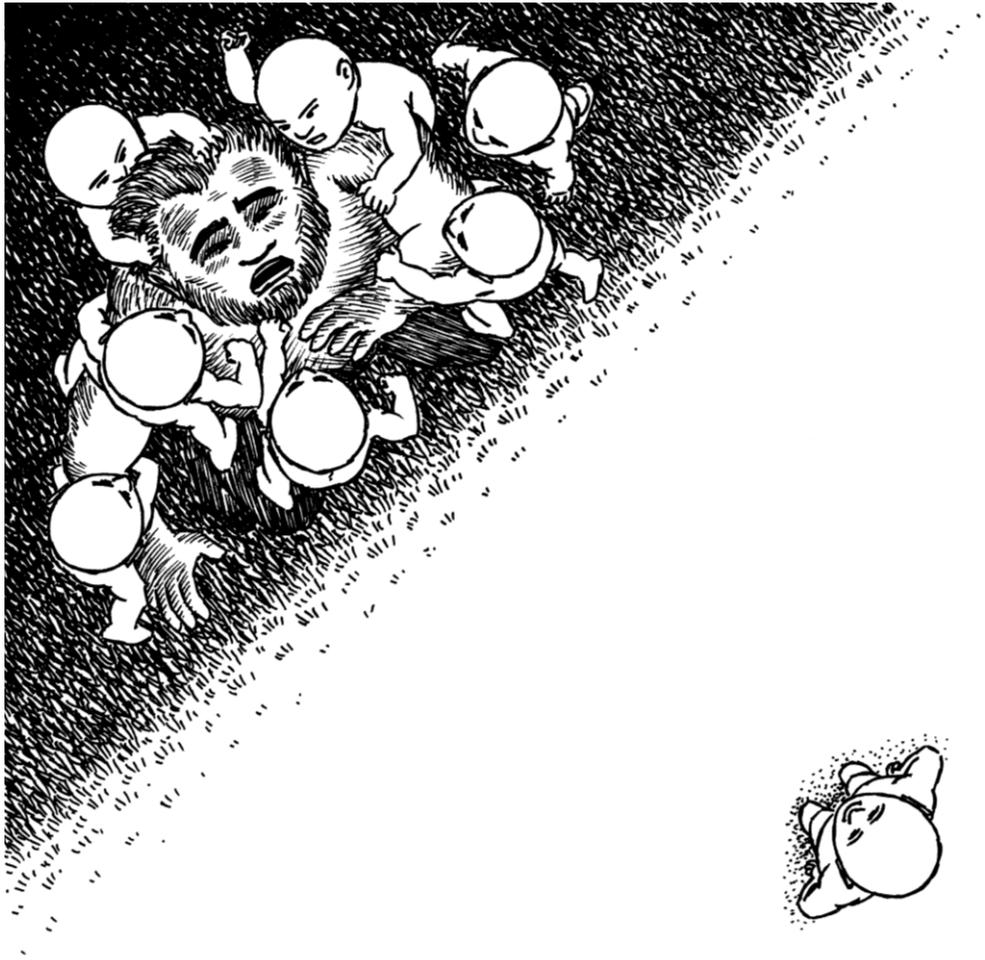
QUADRINHOS INDEPENDENTES – Nº 159 – SETEMBRO/OUTUBRO DE 2019

Editor: Edgard Guimarães – edgard.faria.guimaraes@gmail.com
Rua Capitão Gomes, 168 – Brazópolis – MG – 37530-000 – Fone: (35) 3641-1657
Tiragem de 70 exemplares, impressão digital.





Tira de Gomez, publicada em jornal de Brasflia, enviada por Cleber José Coimbra.



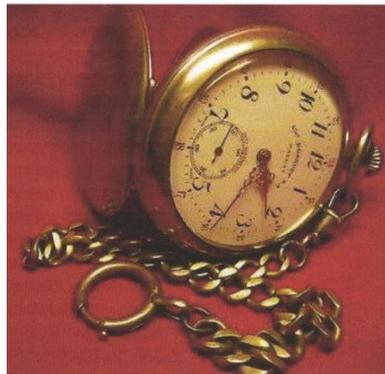


TIC TAC, TIC TAC, TIC TAC...

NUNCA PERCA A HORA!

E. Figueiredo

“Os relógios assassina o tempo... O tempo está morto enquanto está a ser trucidado por pequenas rodas dentadas. Só quando o relógio para é que o tempo volta à vida!”
William Cuthbert Faulkner (1897-1962)



Meu avô possuía um relógio de bolso de marca Roskopf Patent, daqueles de corrente, que se metiam no bolsinho do colete. Naquele tempo era comum o uso de colete, até por operários pobres. Parecia obrigatório ter colete e relógio de corrente. Vovô tinha um orgulho enorme em exibir o seu relógio. Qualquer oportunidade que surgia, falava do seu ‘cebola’, como ele se referia ao relógio, alegando ter não sei quantos rubis, que nunca parou, que nunca atrasou. Gostava de ficar falando que havia ganhado o relógio de seu pai pouco antes de emigrar para o Brasil. Enquanto discursava colocava o relógio no ouvido dos seus ouvintes para que pudessem ouvir o seu Tic Tac inconfundível. Para meu avô, até o Tic Tac dele era distinto de qualquer outro relógio de bolso.

O relógio era dourado, pesadíssimo como chumbo, reluzente com desenhos talhados em formatos de arabesco, com uma corrente de ouro que saía do bolso do colete e atravessava a barriga com todo fulgor. Meu avô dizia que era o mais antigo da face da Terra. Ninguém acreditava, mas eu ficava fascinado quando ele exibia, principalmente ao dar corda, que provocava um ruído característico: Rec, Rec, Rec...

Meu avô se chamava Francisco, mas era conhecido como Chico Tic Tac, por exibir seu relógio e falar com tanta ostentação sobre ele. Na verdade, vovô se chamava Francisco Antônio Ritto.

– “O Frei Crispim, da Igreja Matriz, acerta o relógio da torre pelo meu relógio!” – gabava-se Chico Tic Tac. Vovô se referia à Igreja Matriz, que homenageava o padroeiro da cidade de Patópolis, São Francisco de Assis.

Quando alguém perguntava se o relógio atrasava, ele respondia com um trocadilho:

– “Relógio que atrasa, não adianta, compadre!” – e caía na gargalhada.

Patópolis era a cidadezinha onde morávamos, incrustada num vale entre duas montanhas com poucos moradores, fôra fundada por imigrantes italianos, inicialmente, com o nome de Tarantella, trocado em virtude da economia da cidade ser de criação de gansos, marrecos e patos. O lugarejo era bem interessante, pacata, aprazível, pitoresca e aconchegante, com um povo hospitaleiro. A sua extensão territorial tinha, na maior parte, tomada por fazendas e sítios com centro urbano bem diminuto. Acho que deve continuar desse mesmo jeito até hoje.

Toda população de Patópolis tinha conhecimento do relógio do meu avô. Muitas pessoas, quando o encontravam, perguntavam que hora era só para vê-lo tirar o relógio do bolso do colete, exibir e falar loas sobre o relógio. Chico Tic Tac era muito popular em toda cidade.

Eu via vovô todos os dias, na volta da escola, quando passava pelo seu armazém de secos e molhados. Conversávamos um pouco e, na despedida, ele sempre citava uma frase enigmática, que jamais entendi:

– “Nunca perca a hora!”

Deixei Patópolis com 17 anos. Eu havia ganhado uma Bolsa de Estudos de uma faculdade de São Paulo, e fui morar com uma tia, irmã de mamãe. Minha tia Olga era uma senhora na casa dos 60 anos de aparência agradável, já com os cabelos grisalhos. Ela, também, havia nascido em Patópolis, onde passou a infância e juventude. Casou-se com 18 anos e mudou-se para São Paulo em virtude do meu tio Manoel, seu marido, ser conseguido um emprego nos escritórios da Companhia Mogiana de Trens. Eles tinham uma filha, da minha idade, que estava num convento se preparando para ser freira. Quando fui morar com tia Olga ela já era viúva, meu tio morrera três anos antes de ataque cardíaco.

Periodicamente, eu viajava para Patópolis para ver minha família, inclusive o meu avô, Chico Tic Tac, e, obviamente, rever o famoso relógio de bolso, que continuava me fascinando e ouvir o Tic Tac, e a sua frase enigmática:

– “Nunca perca a hora!”

Eu tinha completado 21 anos, e, uns dias depois de ter visitado Patópolis, numa noite, telefonaram para minha tia Olga informando que meu avô falecera. Fiz as malas e viajei para participar do sepultamento. Nunca Patópolis havia visto tanta gente num velório. A emissora de rádio local dava a notícia do falecimento a cada duas horas. A Folha de Patópolis, jornal da cidade, noticiou em letras garrafais dizendo que “o decano da cidade partira para sempre”.

Um dia antes de voltar para São Paulo, minha avó me chamou num canto e entregou-me uma caixinha de papelão:

– “Seu Avô deixou isto p’ra você!” – ela disse.

Ao abrir a caixinha deparei com o relógio do Vovô, envolto na corrente de ouro, e um envelope.

– “Nossa!” – eu disse com espanto – “O relógio do Vovô!”

– “Era o desejo dele que ficasse com você!”

– “Nunca pude imaginar que um dia esse relógio seria meu!”

– “Mas tem uma recomendação!” – disse Vovô.

– “Qual?!” – perguntei.

– “Está nesse envelope!...”

Dentro do envelope havia uma carta do meu avô. Deixei para ler durante a viagem de retorno para São Paulo.

Despedi-me de minha avó e fui para a estação ferroviária. Assim que me acomodei no assento do trem, que me conduziria a São Paulo, abri o envelope.

A carta:

Meu querido neto,

Nada gostei mais na minha vida do que o Cebola, o meu relógio de bolso que sempre me acompanhou.

Sei da sua fascinação por ele. Agora ele é seu!

Quero que, doravante, o relógio o acompanhe para sempre. Nunca fique sem ele. Sevi eu junto a você.

Ao mesmo tempo do meu orgulho em possuir o Roskopf Patent, há o meu orgulho em tê-lo como neto.

Assim estou unindo os dois para que se tornem inseparáveis.

Nunca perca a hora!

Quando alguém lhe perguntar como obteve esse relógio, eu sei como irá responder...

Seu Avô, Chico Tic Tac

Lá estava a frase enigmática!

Quando cheguei em casa, comentei com minha tia Olga e indaguei:

– “Como vou usar esse relógio se não uso colete?!...”

Titia ficou me olhando com uma cara pensativa por alguns instantes, levantou-se da cadeira e foi em direção a cozinha. Parou e olhou para traz me encarando com o mesmo semblante e disse:

– “Use dependurado no pescoço!” – e entrou na cozinha.

A princípio pensei que ela estivesse fazendo brincadeira comigo. Fui atrás dela e falei:

– “Mas vai ser uma coisa ridícula eu desfilar por aí com um relógio dependurado no pescoço, Tia!”

– “Use por dentro da camisa, meu filho!” – ela disse – “Você estará atendendo o pedido do seu Avô!”

Fiquei pensando, tentando uma outra alternativa e acabei por decidir seguir a sugestão da minha tia Olga. No começo estranhava aquele volume sobre meu peito, mas fui me acostumando. Só tirava para banhar-me e dormir.

Um dia, por causa de um compromisso banal e sem importância, atrasei-me para ir ao banco e, quando lembrei, estava em cima da hora. Saí correndo para chegar antes que o banco fechasse. Não sei se era impressão, mas enquanto corria parecia ouvir o meu avô:

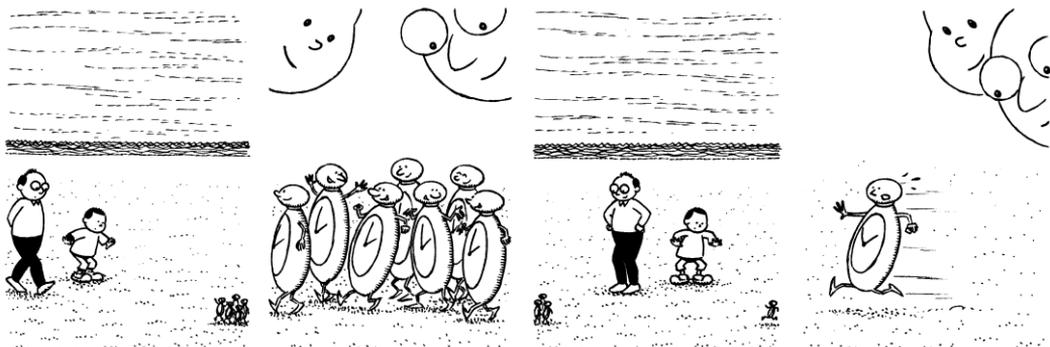
– “Nunca perca a hora!...”

Ao sair do banco deparei com um tiroteio entre policiais e bandidos. Tentei retornar para dentro do banco mas fui alvejado antes de passar pela porta giratória. Levei um tiro no peito. Senti o tiro, e uma dor horrível. Caí e me vi enrolado na calçada. Fiquei deitado com a face rente ao chão sentindo uma forte dor. Levei a mão ao peito e percebi que estava sem o relógio. Vi o relógio, rodopiando e se desmanchando com suas peças se esparramando, junto aos meus olhos. O Tic Tac se espaçando... Eu, imóvel, só olhado. O Tic Tac foi parando... Tentei esticar o braço para pegá-lo, mas não conseguia me mover. O Tic Tac parando... parando... e fez-se o silêncio...

... e desmaiei.

Antes de desmaiar, parecia que eu ouvia meu avô dizendo:

– “Nunca perca a hora!...”



FÓRUM

CLÁUDIO S. DILLI

Pelotas – RS

Há um bom tempo não mantemos correspondência e acho que você parou de editar o **QI**, que tanto contribuiu para divulgar o trabalho dos fanzineiros, seja os de nostalgia, seja os de vanguarda com temática atual.

Você sempre adquiriu os números de **O Quero-Quero** que lancei. Andei muito desmotivado, com uma série de problemas e desde 2015 não publiquei mais nada.

O Lio Bocorny, o José Magnago, O Genildo Tavares da Silva sempre me incentivando para que continuasse com o zine. Outros incentivadores do zine nos deixaram: o Oswaldo Nunes de Souza, de Jaguarão, o Renato Canini, aqui de Pelotas, o José Simões Filho, do Espírito Santo, e recentemente o Fuad Abdala, de Minas Gerais. Isso nos entristece muito, mas é o ciclo da vida.

Também a influência da internet, facilitando a leitura virtual, desmotivou os fanzineiros.

Mas, com muita insistência do José Magnago, resolvi lançar a edição nº 16 de **O Quero-Quero**.

O zine tem 40 páginas, capas coloridas, destacando a última parte sobre a revista **Aventuras do Anjo**, terminando o trabalho iniciado pelo saudoso Jorge Barwinkel em **O Grupo Juvenil**. Também coloquei na edição a adaptação de um filme de Rod Cameron, as fotoquadrinizações inéditas de Lash LaRue, publicadas na França, as 6 edições da revista **Foto Crime** da Editormex, álbum de figurinhas da Vecchi, cartas, charges, tiras e piadas (incluindo sempre **O Amigo da Onça**).

Existem, naturalmente, falhas, os textos impressos via computador, às vezes não pude corrigir antes de imprimir. Não sou perito como a juventude de hoje, por isso faço muita coisa de material artesanal com colagens de textos e fotos. Enfim, não sei se seguirei com novas edições. São poucos os que apreciam ainda os zines impressos. Tudo hoje é nos celulares, notebooks, internet, etc.

JOSÉ MENEZES

Petrópolis – RJ

Acuso, com certo atraso, o recebimento de dois **QIs**, 157 e 158, o que muito lhe agradeço. No último, 158, gostei muito do levantamento sobre a participação de Angelo Agostini em **O Tico-Tico** e outras publicações. Ele é, sem dúvida, um dos maiores mestres dos quadrinhos e um retratista de muitos fatos importantes do Rio antigo, com sua pena e traço quase fotográficos. Merecidamente ganhou com seu nome a maior premiação destinada aos artistas que se destacam a cada ano!

Acrece no **QI** alguns fatos, como a presença de Júlio Shimamoto, fazendo suas esculturas e sua simpatia, o que me trouxe uma grande satisfação pela admiração que sempre tive por este “samurai” dos nossos quadrinhos. Muita saúde são meus votos para ele...

Lamento o passamento do Johnny Fonseca, que numa tarde, há tempos, veio a minha casa, junto com Rod Tigre e o editor José Salles, para uma entrevista. Momentos muito agradáveis em que contei com a simpatia de ambos, ainda rememorando fatos e trabalhos que fiz, na minha vida...

Bastante curiosa a página sobre as dificuldades de colocar corretamente o chapéu de Rip Kirby, personagem “batizado” por Wilson Drummond como Nick Holmes, talvez um nome mais próprio para um detetive...

Como sempre, muito oportunas as opiniões de José Ruy e demais “escritas” desse tão apreciado ‘Fórum’.

MARCELO DOLABELLA

C.P. 605 – Belo Horizonte – MG – 30161-970

Você deve ter recebido uma carta minha com um fanzine e nela tinha endereço meu alterado para uma caixa postal, e não o da minha casa? Pois é, tive problemas com essa agência/caixa postal, eles não estavam entregando minhas cartas simples, voltavam para o remetente, fiz um teste e enviei carta para mim mesmo e comprovei que estava acontecendo de fato. Então cancelei a caixa postal nesta agência e fiz em outra.

Se você não recebeu a carta, tudo certo; se recebeu, e ainda der tempo, trocar a informação da divulgação que te pedi. Se já é tarde demais, fazer o quê, vamos divulgar a nova.

Desculpe a confusão, mas as agências franqueadas são horríveis, os funcionários despreparados e muitos com vá vontade, tive prejuízos financeiros e fora as correspondências que sumiram e ainda sumirão.

*Marcelo, infelizmente seu email chegou quando o **QI 158** já tinha sido enviado aos leitores, com a divulgação de sua caixa postal que foi cancelada. Divulga, agora, aí em cima, a nova CP.*

PAULO JOUBERT ALVES

Belo Horizonte – MG

Sobre o comentário em resposta a uma carta no **QI**, sobre as publicações Salvat, informo que ao menos a coleção **Os Mais Poderosos Heróis Marvel** (aquela com capa dura vermelha) a editora completou. Diga-se, de passagem, aliás, uma coleção cuja escolha das histórias e de personagens deixou bastante a desejar.

Ficou pelo caminho a republicação das aventuras de **Espada Selvagem de Conan**, que a Panini retomou.

Essa coleção do Conan da Salvat parece que só saiu em alguns locais, nem está à venda no site da editora.

JUCA DA SILVA

Macaé – RJ

Amei a publicação do folder ‘Guarda de Trânsito’ no **QI**, ficou show! Te envio um calendário fã e uma folhinha de parede para ornamentar o seu atelier. Este teu informativo cultural é nota 1000! E espero recebê-lo sempre. Também enviarei os meus escritos, principalmente a **Revista do Arte&Poesia**, assim que elas estiverem sendo confeccionadas.



E. FIGUEIREDOSão Paulo – SP

Participo o recebimento da sua correspondência contendo o **QI** 158 e o excelente suplemento sobre Angelo Agostini. Sou-lhe grato pela inserção da minha crônica 'P'ra Fora da Classe!'. Seguem alguns recortes sobre Quadrinhos e meu conto 'Tic Tac, Tic Tac, Tic Tac... Nunca Perca a Hora!' para sua apreciação.

LUIZ ANTÔNIO SAMPAIOCampinas – SP

Você conseguiu completar essa coleção (**Menomonee Falls Guardian**) por um valor realmente bem baixo. Além da dificuldade de se encontrar uma coleção completa do **M. F. Guardian**, na Amazon existem alguns números isolados sendo oferecidos por US\$ 10.00 ou mais. A **M. F. Gazette** está na base de 15 a 30 dólares por número isolado. E dificilmente alguém conseguiria uma coleção completa dela. Os primeiros números da **Gazette** tiveram uma tiragem de pouco mais de 200 exemplares. Ou nem isso. Ano passado, um colecionador daqui, médico aposentado, dos tempos daqueles velhos tabloides brasileiros, **Suplemento, Globo Juvenil**, ficou maravilhado com as minhas coleções da **Gazette** e do **Guardian**. Chegou a oferecer 7 mil pela **Gazette** e 3 mil pelo **Guardian**. Logicamente não aceitei. **M. F. Gazette** fora de qualquer cogitação. Fiquei meio tentado em relação ao **Guardian**, mas resisti à tentação.

MÁRIO LABATE SANTIAGOSão Paulo – SP

Que demais ver um zine chegar a esse número! 158!!! Isso é surreal no Brasil! Parabéns, meu velho!

Difícil dizer o que mais gostei neste número. Tudo me encanta! Aliás, obrigado mais uma vez por publicar uma de minhas HQs. Isso é uma grande honra para mim. Espero que você continue nos presenteando com essa genial publicação por muitos e muitos anos.

ANTONIO ARMANDO AMAROSão Paulo – SP

Recebido o número 158 do **QI**. É sempre um prazer ler o que você publica a respeito dos quadrinhos, pena que somos uma espécie em extinção. A garotada atual quase não lê quadrinhos, infelizmente. Mas vamos comentar o **QI**. Como sempre, quase nada a criticar. O que mais gostei neste número, em quadrinhos, foram 'Maria' de Henrique Magalhães, 'Irina' de Mário Labate (ótimo), 'Dirce, a Feminista' de Luiz Cláudio Faria, 'Blondie', enviada por Antonio L. Ribeiro, e como sempre o teu super ótimo 'Poeta Vital'. Parabéns a vocês todos. O 'Fórum', como sempre, traz os comentaristas (pesos-pesados) Carlos Gonçalves, Rod Tigre, Francisco Dourado e Quiof Thrul. Como entende de quadrinhos, o 'gajo', é demais, parabéns!

Outra coisa que adorei foi ver a foto do meu querido mestre o garotão Júlio Shimamoto. O homem é demais, que artista. Veja a nova criação do mestre, fazer estatuetinhas de latinhas descartadas, só ele mesmo para ter essa criatividade, um carinhoso abraço e beijo do teu fã número um. Ah, o Guilherme agradece o seu comentário a respeito do desenho da Medusa, o rapaz ficou feliz da vida, obrigadão. Por "falar" no Guilherme, ele está te enviando o seu novo desenho, do Príncipe Valente. Eu pedi para ele caprichar, só que o danado fez o herói com a cara dele, pode?... Segue também uma xerox de um desenho do mestre Shimamoto, que ele me enviou tempos atrás, quando você fez a matéria a respeito do seu personagem 'O Gaúcho'. Seguem também dois poemas da minha querida mestra Alda Cabral, a xerox da capa de **Reporter Policial** da década de 1950 (não era quadrinhos). Veja o desenho de quase 70 anos atrás, mudou alguma coisa comparado com os tempos atuais? Cada vez mais o bicho homem fica mais brutal, desumano e covarde. Grande verdade, quanto mais conheço os homens, mais amo os animais. Para finalizar, uma pintura linda, da artista Madalena Olivastro.

POEMA DE NATAL**Iva Tolstoy (Alda Cabral)**

Natal do Amor e da Esperança
Da união entre os Homens
Da Solidariedade Universal
Dos Presentes no sapatinho!
Nata d'O Senhor feito Criança
Da Mensagem vinda de Alguers
Naquela Noite sem igual
Quando nasceu Jesus Menino
Mor alegria da nossa Infância!
FELIZ NATAL!

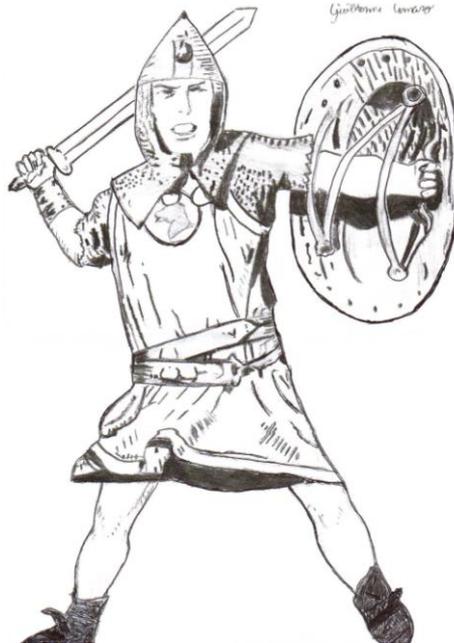
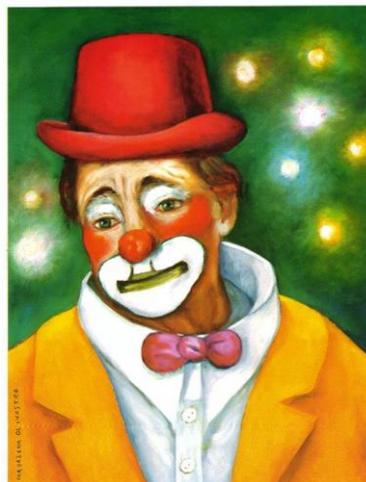
Ilustração de **Guilherme Amaro**.Pintura de **Madalena Olivastro**.



Ilustração de Shimamoto enviada a Antonio Amaro.

JOSÉ PIRES
Lisboa – Portugal

Por aqui, esta edição do grande clássico, **O Caminho do Oriente**, obteve um surpreendente sucesso assinalável. Contra a vontade do João Mimoso – que queria fazer uma tiragem de 60 exemplares – a tiragem foi de apenas 40 cópias, mas já se esgotou por completo e não param de me aparecer novos pedidos de assinantes a que eu não posso atender. Eu poderia fazer uma tiragem de outros 40 exemplares (para o preço de produção se manter), mas não sei se as venderia a todas. Vamos ponderar no assunto.

Eu estou tentando que uma editora nacional pegue no projeto, pois eu e o João Mimoso não podemos arriscar numa outra edição, que até iria contrariar os princípios da primeira. Se temos na altura feito uma edição maior, muito bem, até baixaria um pouco os custos de produção, mas agora é tarde demais para uma edição mais curta.

Tenho algumas hipóteses, mas os editores retraem-se quando se trata de BD, pois o mercado não é, aqui em Portugal, um segmento apetecível. Sondei a filha do Magalhães, que está à frente de uma editora, e ela nem resposta me deu: a conclusão é óbvia.

Assim, vamos prosseguir como está. O trabalho de colorização está decorrendo bem, pois já comecei o quinto volume, o quarto será o mais espetacular de todos. O terceiro sairá dentro em breve.

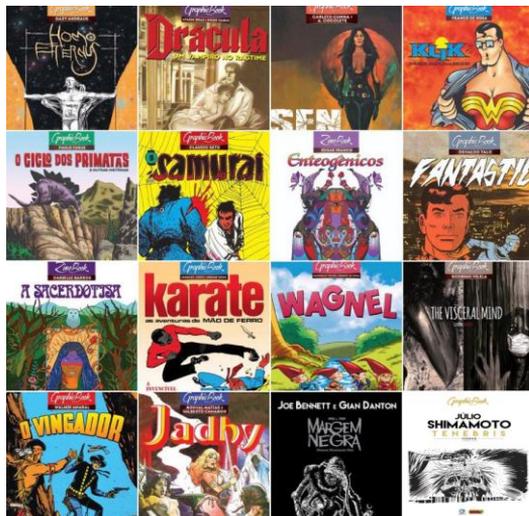
O Luigi Rocco comentou sobre quadrinhos holandeses publicados aqui, lembrei do Pandinha que a Ebal publicou uma única edição em 1981, com capa de Robric (Roberto Ricardo Santolli). Muita gente pensou que fosse o Andy Panda do Walter Lantz, mas esse material era uma tira holandesa, Panda do Marten Toonder.



Sobre o suplemento do Agostini pelo Francisco Dourado, sabia da criação do logo pelo Agostini, mas não que ele tinha feito algumas HQs para **O Tico-Tico**.

Em outubro, na Sketchcon II, a Criativo lançou álbuns de alguns clássicos da HQ nacional de várias épocas, como: **O Vingador** pelo Walmir Amaral, **Karatê, O Mão de Ferro** de Minami Keizi e Ignácio Justo (que seria inspirado no lutador Benedito Nelson Augusto dos Santos), **O Ciclo dos Primatas** de Paulo Fukue, **Sem, A Viúva Negra** do Carlos da Cunha (roteiro) e Aparecido Cocolete (desenhos), **Fantastic** do Oswaldo Talo, **Jadhy** de Rodval Matias e Gilberto Camargo, **Drácula, Um Vampiro no Ragtime** de Ataíde Braz e Neide Harue, **Tenebris** de Júlio Shimamoto (histórias de terror desenhadas por ele nos anos 1980), **O Samurai** de Claudio Seto. Na entrevista ao Rafael Spaca, Shimamoto disse que a editora ia publicar um álbum d'O Gaúcho, talvez esteja tratando as páginas da **Folhinha** vindas do Acervo Folha (que tem algumas falhas).

Quando consultei o Acervo Folha, nunca consegui baixar uma página com qualidade aproveitável, péssima resolução. Quando o José Salles publicou O Gaúcho completo em 4 revistas, usou cópias tiradas da "Folhinha", que o Shimamoto tem.



A Panini assumiu as coleções de luxo de Carl Barks, Don Rosa e **Os Anos de Ouro do Mickey**. Nesse ano de 2019 consertaram um erro antigo, o sobrenome do Patinhas passou a ser McPato nas histórias publicadas pela Culturama. O Marcelo Alencar, responsável pelas edições da Panini, disse ao Universo HQ que vai manter McPatinhas nas coleções que começaram na Abril para manter o padrão, mas disse que vai publicar McPato em outras publicações (como álbuns italianos). McPato já estava presente na primeira série de Duck Tales. Na série atual, mantiveram, inclusive têm aparecido personagens que nunca foram animados antes, como Peninha e Patacôncio, e a dublagem tem respeitado esses nomes dos quadrinhos.



FRANCISCO DOURADO
Parnaíba – PI

Acuso o recebimento de mais um **QI**. A capa fez eu parar um pouquinho antes de ler. As tiras da Camila (arte da Julie) merecem uma coletânea, sim senhor! A Maria me lembra algo do Ziraldo, não sei precisar o quê. Desenho bacana do Mário Labate. O Faria, de tão tosco, o traço é bom pra caramba.

Francisco Filardi fala do **Tex Gold** (da Salvat). Aqui em Parnaíba apareceram os números 1, 2 e 5. No canal do You Tube, Ministério dos Quadrinhos, é dito que a coleção não parou. O nº 5 traz arte de Milazzo, mas as cores foram feitas para um traço diferente do dele. Pro Milazzo, o ideal é aquarelado (mas aí a HQ sairia salgada).

A ilustração do Lupin me fez lembrar um quadrinho autoral, 'A Deplorável História do Dr. Milton' da Escória Comix – temática gay/masculino, conta a história deste doutor que se clona várias vezes e os clones transam com ele sob o pretexto de não ser uma relação gay. Ele esconde isso da mulher e da comunidade científica esperando preparar uma tese que nunca é concluída. Acaba um dos clones se revelando e extorquindo o dito médico. Tem uma arte muito boa (lembra de leve o Mutarelli); os labirintos narrativos são hilários, mas o sexo é pra corar o Geraldão.

Valdir Ramos fala de "bostamância" e lembrei que o Rubem Fonseca fez o conto "Copromancia" – que dá no mesmo – excelente conto. **O Caminho do Oriente** deve ser uma dessas pérolas dos quadrinhos. O Shima vai para CCXP. Esse Mister No da editora 85 ainda não li, mas tá na lista de desejos. Parabéns ao Quiof pelos adendos enciclopédicos.

Fui aluno do Flamamar Mesquita da Cunha aqui em Parnaíba, o cara é faixa preta em inglês, e é arqueiro nas horas vagas, além de desenhista de mão cheia; quando ele vem por essas bandas, costuma frequentar a Banca do Louro.

Aproveito para avisar ao Carlos Gonçalves que ainda tem alguns livros do Renato Silva à venda em alguns sites aqui do Brasil.

O Athos ainda tá on-line, outro dia ele me marcou no site Academia.edu. O chapéu ficou legal. 'Pr'a Fora da Classe!', essa professora ficou com medo da concorrência. O Poeta Vital se lascou!

Antônio Luiz Ribeiro enviou três tiras históricas, cabem uns adendos. Murat "Chic" Young (1901-1973 USA) foi o criador da tira 'Blondie' e um outro artista que desenhou a tira, segundo o site Lambiek, foi Jim Raymond (1917-1981 USA), irmão de Alex Raymond. 'Redeye' foi criado por Gordon Bess (1929-1989 USA). Archibald "Archie" Andrews foi criado por John L. Goldwater (1916-1999 USA), Bob Montana (1920 USA – 1975 Canadá) e Vic Bloom, apareceu pela primeira vez na revista **Pep Comics** nº 22 de dezembro de 1941. As tiras só apareceram depois, em 1946, conforme o Antônio Luiz Ribeiro bem informou.



Muitíssimo obrigado por encartar o pequeno artigo sobre Angelo Agostini.

Voltando ao **Tex Gold**, vi no canal Quadrinhos & Cia que apenas a edição 40 traz material inédito. E diz que cerca de vinte aventuras serão impressas em cores pela primeira vez no Brasil. Já em outro canal, há um levantamento mostrando que a coleção da Salvat é apenas uma reedição.

JÚLIO SHIMAMOTO
Rio de Janeiro – RJ

Bela capa com a cena de 'A Última Visão de Eugen Robick'. Muito dramática a sua ilustra do personagem Bi. A Camila de Julie deixa Fê bem confuso. Maria de Henrique, sempre hilária! Irina de Labate tem toda a razão. Lopes Faria defende causas com bom humor. 'Fórum', espaço de construtivos debates e informações. Johnny Fonseca: é sempre comovendo a partida precoce de alguém dinâmico e tão criativo. De babar a coleção de capas do meu amigo Gaspar! E. Figueiredo e sua 'Pr'a Fora da Classe' faz evocar nossas próprias lembranças escolares. 'Eu Quero Acreditar', precisas agulhadas de Gomez. Bom rever as clássicas tiras coletadas por Luiz Ribeiro. Parabéns, Edgard, Poeta Vital está inspirado! E por fim, nunca é demais falar de **O Tico-Tico** e Angelo Agostini. Valeeeu, Dourado!

2 NOVEMBRO SÁBADO DAS 9 ÀS 19H

DIA NACIONAL DA CULTURA

Feira Cultura Livre CONTRA CENSURA

ANTIGUIDADES SEGO VINIL ARTESANATO ARTES PLÁSTICAS QUADRINHOS Sessão de autógrafos ROCK/DESIGN

Relicário Casa de Cultura

Rua Casemiro de Abreu, 147

GARRAGE 80's Avenida Maringá, 109

GARRAGE80's

Quadrante 30 ANOS

e mais: fanzines do

14º MUTAÇÃO

QUADRINHOS, FANZINES E CULTURA POP

DIA 10 DE NOVEMBRO DE 2019, DAS 14H ÀS 19H

80 Anos do BATMAN

O Mundo da Animação e suas possibilidades

Fanzines e Quadrinhos em época de resistência

Local: Praça da Atividade – Porto Alegre/RS

Arena Inovação - Espaço do Conhecimento

4 de Novembro

Esta é a primeira mensagem que lhe mando em 2019, e agradeço ter continuado a enviar os QIs. Estive (e ainda estou) dando prioridade para resolver vários problemas, especialmente com as coleções que tenho, e fui deixando outros assuntos para “ir respondendo na medida do possível”. Esta semana, como acabei de receber o QI 158, resolvi subverter essa ordem, juntei todos os QIs não comentados, e estou lhe escrevendo para cobrir todos de uma só vez. Claro, assim muita coisa fica sem comentário, mas vale a intenção, né?

Como o QI também enfrenta suas lutas com o tempo e a disponibilidade (que motivaram inclusive a suspensão das assinaturas), sendo o 154, de nov/dez/18, publicado no final de jan/19, e o 158, que seria de jul/ago/19, publicado no final de out/19, dá para ver que a ‘vida do QI’ voltou ao quase normal, com números publicados a cada 2 meses, só que mantendo a defasagem do início desse processo. Que tal declarar que o n° 159 seja de set/dez/19, publicado no final de nov/19, ou até no início de dez/19, e recomençar 2020 com tudo de volta à rotina antiga (isso se os motivos para a defasagem crescente tiverem sido afastados agora)? Pense nisto!

Boa sugestão, mas isso significaria um 2019 com apenas 5 números do “QI” e prefiro que mantenha os 6 números, ainda que o sexto só saia no começo de 2020. Já houve um precedente; em 2009, houve apenas 5 números do “QI”, pois fiz os dois últimos trimestrais, para que o n° 100 fosse o último do ano, e a nova fase começasse com o n° 101 no início de 2010.

Com relação ao problema citado em cartas anteriores, sobre compras de livros, gibis, DVDs, etc., no exterior (um assunto que, creio, interessa ou afeta uma parcela ínfima e decrescente dos seus leitores), a situação basicamente se estabilizou, num quadro precário: muitos vendedores do exterior não mais aceitam enviar para o Brasil, ou só o fazem com programas que usam “couriers” e que geralmente incluem o pagamento antecipado de altos valores para cobrir o processamento alfandegário e o risco de ‘sumiço’ das encomendas.

Por outro lado, a ECT finalmente corrigiu um problema com seu novo procedimento de cobrar uma ‘taxa de serviços postais’ de R\$ 15,00 sobre encomendas do exterior para entregá-las aos destinatários, que nem sabiam dessa cobrança depois de a ECT decidir que as encomendas só seriam encaminhadas após tal pagamento. Eles queriam que as pessoas ‘descobrissem’ que precisariam pagar tais taxas no site da ECT, mas como o acesso seria por CPF, e a maioria das encomendas do exterior não o traz, acabavam devolvendo as mesmas por falta de pagamento, o que deve ter causado muitas reclamações; agora, eles encaminham uma carta-aviso ao endereço da encomenda, e ficam esperando o pagamento! Possivelmente, o custo administrativo para a ECT desse processo todo seja superior à taxa.

Quanto ao QI em si, olhando vários de uma vez, dá para perceber que está se tornando um fanzine lusófono, com participação significativa e constante de fãs de ambos os lados do Atlântico (até nos encartes), coisa que não me lembro de ter visto em nenhum outro fanzine de quadrinhos antes. Como já foi dito, “tem que manter isso, viu?”... ainda mais porque todos os leitores de quadrinhos em português se beneficiam havendo maior interação e intercâmbio, especialmente permitindo que nossa língua continue sendo levada em conta nas edições mundiais.

Suas capas para o QI continuam transcendendo uma simples apresentação visual da publicação, mas já começam fisingando o leitor desde que ele recebe o zine, ainda mais que frequentemente abrem indagações cuja resposta pode estar no interior da publicação, ou exige uma parada para reflexão, ou mesmo pesquisa: às vezes, alguém no ‘Fórum’ traz um comentário que nos faz voltar a uma edição anterior, ao mostrar que havia mais coisa ali do que a primeira vista revelava...

Outra coisa que só agora percebi é que ultimamente a grande maioria das postagens no ‘Fórum’ não apresenta mais o endereço dos autores (nem mesmo email), apenas sua cidade (e país); na minha memória, a publicação do endereço completo era a regra, no passado; imagino que isso tenha mudado no correr do tempo, devido a problemas de privacidade e segurança?

Eu colocava endereço dos leitores no ‘Fórum’ para facilitar a comunicação entre eles. Mas imagino que hoje pouca gente escreva cartas, por isso deixei de colocar o endereço. Se algum leitor quiser se comunicar com outro, posso publicar seu endereço, como fiz no “QI” 158 com o Marcelo Dolabella, que me pediu para divulgar o endereço.

Não seria possível, nem desejável, que tentasse comentar coisas específicas desses QIs todos, a esta altura; mas um assunto que continua atual (ainda mais com o E.T. Coelho) é a colorização. Tanto em HQ quanto no cinema, há os que acham que ela muda, e até distorce, o trabalho do artista, e outros acreditam que resultam duas obras diferentes, com aspectos mais ou menos positivos dependendo de cada caso e cada pessoa. Lembrei-me da publicação dos quadrinhos da EC em formato grande pelo Russ Cochran no passado, que foi toda em p&b (tanto por motivos econômicos na época, quanto artísticos), exceto no caso de **Mad**, que foi feita numa edição colorida, mas com uma tiragem menor em p&b “para os puristas”...

Uma curiosidade. As tiras diárias de jornais sempre foram em preto e branco, pois assim eram os jornais diários. Hoje, os jornais, mesmo os pequenos, são todos coloridos, então as tiras passaram a ser coloridas. As que são mera repetição, como ‘Peanuts’, foram coloridas para a republição atual. Mas no meio de toda cor na coluna de tiras, está lá uma faixa em preto e branco. É o ‘Calvin’, pois certamente seu autor não autorizou que fosse colorida. Mas autorizou que fosse republicada.

LANCELOTT MARTINS
Parnaíba – PI

Mestre Edgard, honrado pela remessa dessa edição. Articulistas fantásticos no ‘Fórum’, gosto muito das pesquisas do Quiof Thurl, do velho conterrâneo Francisco Dourado e, de passagem, parabenizá-lo pelo encarte do Angelo Agostini. Aqui no ‘Fórum’ também é território de encontros, feliz em rever Flamirion Mesquita (O Raposo do Pântano).

LUIZ CLÁUDIO LOPES FARIA
São José dos Campos – SP

Apesar de apreensivo com os rumos tomados pelos “políticos” (destruição da natureza, deformação da previdência, entre tantos outros problemas já existentes), Brasília conseguiu piorar, agora é um hospício também. Do QI 158, destaco o ‘Fórum’ e as diversas contribuições dos amigos, texto sobre Johnny Fonseca, outro herói anônimo dos quadrinhos brasileiros, texto de Rod Tigre, gostei também das capas de revistas antigas, enviadas por Gaspar Eli Severino. Este mês, por conta do Novembro Azul, criei uma tirinha cômica com o tema (confesso que não faz muito minha linha), espero que apreciem!



Recebi pontualmente o seu fanzine **QI** 158. Cento e cinquenta e oito pérolas de um colar que já daria várias voltas ao pescoço das HQs, se elas tivessem essa parte do corpo humano.

Peço que me desculpe de só agora responder, mas estive de novo nos Açores, agora na Ilha Terceira, a fazer palestras sobre o grande ETCoelho no Instituto Açoriano de Cultura. Fiz também outra palestra na livraria terceirense In Folio, sobre o meu método de trabalho.

Muito grato por mais este esforço em publicar a tempo e horas este fanzine, que é um modelo de dedicação e de conhecimento. Sempre com muita qualidade. O 'Fórum' é uma tertúlia que tem sabor às reuniões nos antigos cafés, à volta de uma chícara; mesmo eu que não bebo café.

Pois o ETCoelho era ambidestro, tal como o José Pires. O Augusto Trigo é destro. A posição da foto é erro dos montadores no offset, que por vezes invertem o fotólito. Já o fizeram com o ETCoelho, pensando que a foto estava errada.

Estou a colaborar numa exposição de trabalhos de ETC, na sua terra Natal, a Ilha Terceira, no arquipélago de Açores, que se realizará em março de 2020. Nesta estada na ilha, reativei contato e amizade com um grande colecionador de HQ, Alberto Soares, que tem na sua casa várias divisões (que não são pequenas) cheias até ao teto e até à porta, de livros, revistas e originais de autores de variada origem. Até meus. É como uma segunda versão da casa do saudoso amigo Jorge Magalhães.

E também trouxe mais um desafio lançado pelo presidente do Instituto Açoriano de Cultura, de realizar em Quadrinhos a história de uma célebre batalha na Ilha Terceira, em 1828, que definiu a nossa independência quando Portugal esteve sob o domínio de Espanha. Estou já em reuniões com o meu editor.

Mas é também neste 'Fórum' que temos conhecimento de notícias tristes, o desaparecimento de mais um "membro", Cleber José Coimbra. Mas quem parte deixa rasto, pelo que fez nesta vida, muitas vezes responsável pela felicidade sentida por quem observa o que ficou feito.

O encarte 'Voos n'O Tico-Tico' é também mais uma joia a guardar no cofre do **QI**.

É verdade, saiu neste Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora, mas uma versão atualizada da **História da Amadora**, que lhe enviarei em breve.

No encarte sobre Jorge Magalhães e Augusto Trigo, na página 19, há uma foto mostrando o artista desenhando com a mão direita. Com a informação de que ele é destro, então essa foto não está invertida. Na autocaricatura ao lado, a figura desenha com a mão esquerda, mas essa imagem não pode estar invertida, pois a assinatura não está refletida. Portanto, Trigo se retratou canhoto. Esse assunto de direita e esquerda sempre atormenta, e nem estou falando do panorama político mundial. Hul Foster criou na série 'Príncipe Valente' um personagem que não tinha uma perna, mas ao longo da história alternava-se a perna faltante, ora a direita, ora a esquerda. Gottfredson também pernou, digo, penou com a perna de pau do João Bafo de Onça, até que jogou a toalha. Com a desculpa de que passou a usar uma prótese melhor, Bafo passou a ter as duas pernas.

Foster cometeu outro engano famoso. Na página 307, Príncipe Valente enfrenta o viking Thundaar, que luta com um grande machado na mão direita. No clímax da batalha, com um golpe de sua espada cantante, Valente decepa o braço direito do viking na altura do punho, numa cena bem discreta para não melindrar os jovens leitores, mas quem voa, ainda segurando o machado, é a mão esquerda.

A inversão de fotolitos tem uma história curiosa. A editora Ensaio publicou em 1994 um álbum de Ken Parker com as histórias 'Os Cervos' e 'Um Hábito de Gelo'. Nesta segunda HQ, a página 3 saiu invertida. Quem inverteu, seja o editor, o diagramador ou o impressor, teve uma boa desculpa. A página não tem balões e o quadro 5 mostra a vitraça de uma joalheria com os dizeres 'Neumann Jewelry'. O enganado posicionou o fotólito de modo que esses dizeres fossem lidos normalmente. Acontece que esses dizeres deveriam ser lidos corretamente do lado de fora da joalheria. No caso, a cena mostra a joalheria no lado de dentro, portanto, os dizeres tinham que estar invertidos. Reparem que nos 3 últimos quadros, o assaltante entra pela claraboia antes de quebrar o cadeado. E no 3º quadro, há um pedaço de anúncio que aparece invertido, quando não deveria. Essa página foi publicada corretamente no álbum do Cluq, de 2011.



CONVITE

A Presidente da Câmara Municipal da Amadora, Carla Tavares, convida V. Ex.ª a estar presente na inauguração do 30º AMADORA BD 2019 no próximo dia 24 de Outubro, pelas 21h30, no Fórum Luis de Camões

**AMA
ADORA
BD** 24 out 3 nov

#amadorabd
#amadoracidade
www.amadorabd.com

Cartaz do Festival Internacional de BD da Amadora.

Sobre a coleção Graphic Book da editora Criativo, mencionada por Quiof Thrul, comentei com Luigi Rocco e ele enviou algumas informações:

A tiragem é de 50 exemplares. O autor se compromete a vender 20 exemplares para custear a impressão, que sai por R\$ 800,00, ou seja, se não vender, o valor sai do bolso dele. Afí ele ganha 15 exemplares para tentar vender e ter algum lucro e os outros 15 ficam como lucro para a editora. Aparentemente todos os editados se submeteram a esse esquema.

Este esquema é parecido com o usado por várias editoras, há décadas. As mais conhecidas eram a Scortecci e a Edicon. Mas em reportagem recente nos jornais, vi que há várias atuando, de vários modos. O usual é o autor produzir o original, a editora fazer todo o serviço de digitação, diagramação, impressão, encadernação, ou seja, entregar o livro pronto e cobrar por este serviço. O autor paga pela tiragem total do livro e se incumbem de vender para recuperar o investimento e ter o lucro desejado, se for este o caso. Aqui em Brazópolis, uma tia minha fez dezenas de livros, a maioria pela editora Scortecci, todos de poemas de temática religiosa. Ela bancava o custo total e vendia os livros para arrecadar fundos para obras assistenciais.

Uma variação desse esquema é a própria editora organizar uma antologia com vários autores; assim, o custo total é dividido e cada autor recebe um número equivalente de exemplares. Nesse esquema, já participei de várias antologias, de poemas, HQs, cartuns, contos, etc., principalmente da editora Virgo. Na reportagem mencionada, a editora também produz o original sob encomenda, ou seja, escreve o livro para o cliente, sendo que este fornece as informações necessárias. Normalmente, são livros biográficos, que os familiares querem fazer sobre os pais, avós, etc. O custo desse serviço não é barato. Segundo a reportagem, no mínimo uns R\$ 50.000,00, podendo chegar facilmente à centena. E pelo que entendi da reportagem, o custo da gráfica (imprimir, encadernar, etc.) nem está incluído nesse valor. Com tiragens reduzidas, apenas para os familiares, não é para recuperar investimento.

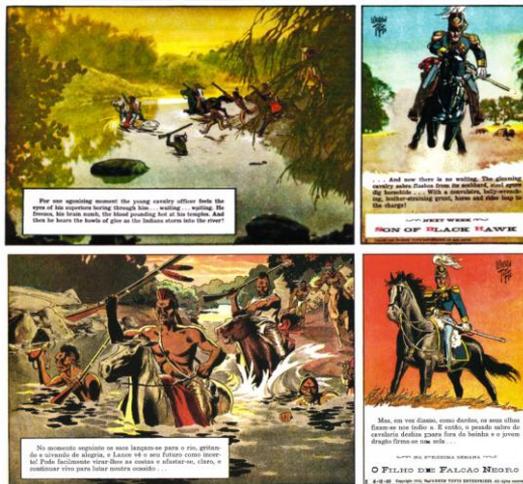
No esquema da editora Criativo, o autor tem primeiro que vender 20 livros para arrecadar R\$ 800,00 e pagar o custo da editora (que inclui custo gráfico), ou seja, o livro deve custar R\$ 40,00. Depois, para ter lucro, deve vender mais 15 exemplares, que, ao mesmo preço, dará um lucro de R\$ 600,00. A editora, vendendo os 15 exemplares que ficam com ela, também tem um lucro de R\$ 600,00. No esquema normal, mencionado no começo, se uma editora terá um custo de produção do livro de R\$ 800,00 e quer lucrar R\$ 600,00, cobrará do autor o total de R\$ 1.400,00 e lhe entregará a tiragem total de 50 exemplares. O autor, vendendo os 50 exemplares a R\$ 40,00, arrecadará R\$ 2.000,00. Tirando os R\$ 1.400,00 que pagou à editora, lucrará R\$ 600,00. Ou seja, comparando os dois esquemas, o normal e o da editora Criativo, para lucrar os mesmos R\$ 600,00, o autor deve vender 50 exemplares num caso e apenas 35 no outro. Há uma pequena vantagem no esquema da editora Criativo. De qualquer forma, o trabalho duro quem faz é o autor. E nem se cogitou em falar do custo de produção do original. Segundo a reportagem mencionada, esse custo está em pelo menos 50 mil. Mas os autores da Criativo estão fazendo isso “de graça”, já que estão usando material já pronto, muitas vezes já publicados.

Posso acrescentar um dado. Em 2011, lancei um livro chamado “Escritores de Brazópolis”. Para fazer o livro, gastei três anos. Se considerarmos um emprego normal, com o menor salário possível, trabalhando 40 horas semanais, mais 13%, eu deveria ter recebido cerca de 40 mil reais. Ou seja, esse seria o custo de uma pessoa trabalhando 3 anos ganhando salário mínimo. Sem contar qualquer gasto com material, papel, tinta, impressora, etc. Mas, certamente, para calcular o preço de venda do livro, não incluí esses 40 mil, somente o custo da gráfica para impressão e encadernação. Senão o livro teria custado mais de R\$ 320,00 e não os R\$ 120,00 cobrados dos interessados.

Não sei se você viu, o Manuel Caldas colocou no blogue de los 300, as 3 primeira páginas de ‘Lance’, como Tufts as fez para apresentar aos jornais. Quando começaram a ser de fato distribuídas, tinham algumas alterações. Na primeira, eu não vi nada de diferente, talvez só no texto. Mas nas duas seguintes, há vários quadros que foram alterados.

Não conhecia aquelas três páginas iniciais do ‘Lance’ que Tufts enviara aos jornais como promoção. As páginas 2 e 3 realmente apresentam várias alterações. Eu consultei o blogue do Manuel Caldas e pude verificar. Você deve se lembrar de que a primeira página de ‘Prince Valiant’ (ou talvez mais de uma) saiu com cortes nos desenhos. Acho que esses cortes foram feitos no King Features e não sei se os dois tipos de páginas foram publicados. Ou apenas um. Os desenhistas provavelmente não gostavam de ver seus trabalhos mudados ou mutilados nas oficinas dos syndicates, mas nada podiam fazer, pois essas agências tinham poder absoluto sobre seus trabalhos.

No caso de ‘Lance’, minha desconfiança é que o próprio Tufts decidiu, por alguma razão, mudar alguns quadros das páginas 2 e 3, e não por exigência da agência ou dos jornais. Acho que foi ele mesmo que tentou distribuir essa série, sem auxílio dos syndicates. Abaixo, primeiro os dois últimos quadros da página 2 como Tufts fez para apresentar o trabalho aos jornais, e logo depois, como foram publicados. Olhando o primeiro quadro, arrisco o palpite de que ele achou que o colorido com muita nuance não daria boa reprodução nos jornais. Puro palpite.



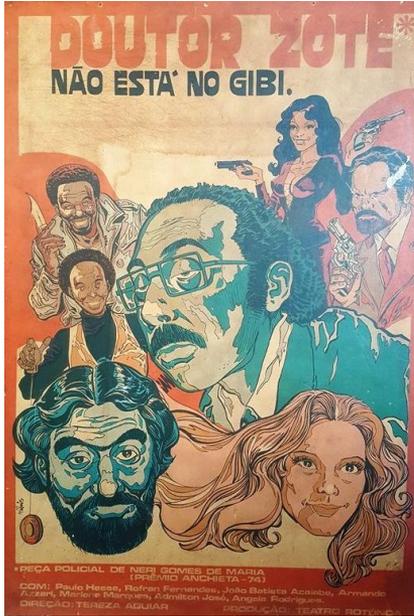
Antes de mais nada, quero lhe pedir desculpas por não ter lhe agradecido o envio do QI 157, me encontrava atolado na produção de mais alguns volumes da coleção Ken Parker Magazine (que deverão estar disponíveis já no próximo mês).

Aproveitando o assunto, meu endereço físico, após quase 40 anos, mudou-se. O Correio fechou a agência e “despejou” os assinantes das caixas postais. O endereço agora é:

Caixa Postal 60009 – São Paulo – SP – 05033-970

Estou lhe escrevendo para lhe solicitar um pedido, caso seja possível. Estou a procura do exemplar de nº 3 da revista Alô, Doçura publicado pela editora Continental em 1959. Preciso de um scan, se possível com 300 dpi.

Esse cartaz de uma peça de teatro foi desenhada por Walmir Amaral. Meu pai participou da peça. Esse cartaz ficava no quarto dos livros do meu pai, que era ator de cinema, teatro e televisão, e diretor de teatro. O nome dele é Armando Azzari, falecido infelizmente. Os mais velhos com certeza o conhecem de algum comercial de TV, ele fazia muitos. Transformei os personagens que aparecem no cartaz em vilões de uma HQ do Blenq, que foi desenhada por Walmir Amaral, em um encontro com o Zhor!



E a Eletra foi uma 'bad girl' na Patrulha do Espaço mesmo, ela não fletava só com o Capitão Astral e com o Capitão Júpiter não, o Steve Kirby também foi alvo dessa primeira 'femme fatale' dos super-heróis brasileiros!

Eu li em algum lugar que a primeira Liga Interplanetária de defesa do universo na literatura foi criada na série de livros chamada Lensman de "Doc" Smith, de 1934. Mais uma vez falharemos na pesquisa e ocultaram o mérito brasileiro, porque o primeiro a desenvolver a ideia de uma Liga Interplanetária foi o escritor Albino José em seu livro **A Liga dos Planetas**, de 1921! E nas HQs, o primeiro herói espacial foi o Dr. Alpha, do brasileiro Osvaldo Silva, em **O Tico-Tico**.

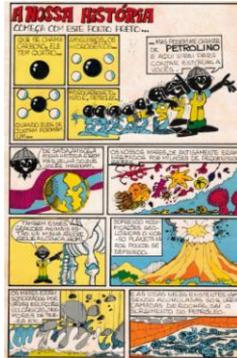
Aqui umas imagens do João Nariz, uma história em quadrinhos escrita por Monteiro Lobato. Ele apareceu em **O Garimpeiro do Rio das Garças**, que Monteiro Lobato publicou em 1924, com arte de Wiesse. Vai bem na linha do Zé Caipora. Sempre vão ter uns que vão dizer que é somente um livro infantil ilustrado, mas o José Eduardo Cimó observou bem que a sequência de desenhos explica perfeitamente a história, apesar das legendas extensas.



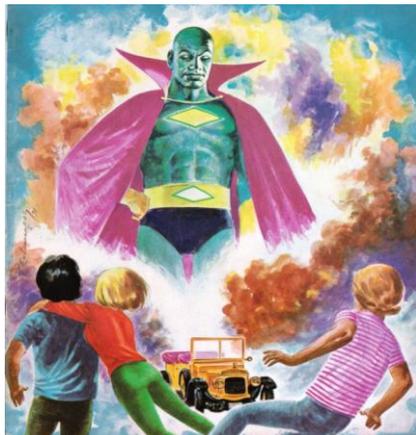
Eu não consegui a HQ inteira, mas fiquei observando as três páginas que tenho da HQ 'Capitão Astral e os Homens da Lua', de 1953. O Comandante Laerte foi o fundador da Patrulha do Espaço e do Astroporto de Congonhas, que fica em São Paulo, onde hoje é o aeroporto. Ele foi um pioneiro da conquista do espaço, da mesma forma que Santos Dumont inventou o avião. As páginas que eu tenho da HQ não mostram isso, mas eu deduzo que são o Comandante Laerte e sua esposa que aparecem com os capacetes translúcidos na capa da revista e em uma propaganda, e os Homens da Lua são os cíclopes que os atacam. Até hoje ninguém descobriu a identidade do Homem Lua, eu acho que ele pode ser o Comandante Laerte, fundador da Patrulha do Espaço, faz sentido pra mim!



Essa HQ do Petrolino, eu achei numa revista **Gente**, editada pela Petrobrás em 1969, essa história é a mesma do desenho animado **Rei Fabuloso** que Wilson Pinto de Jesus realizou em 1965.



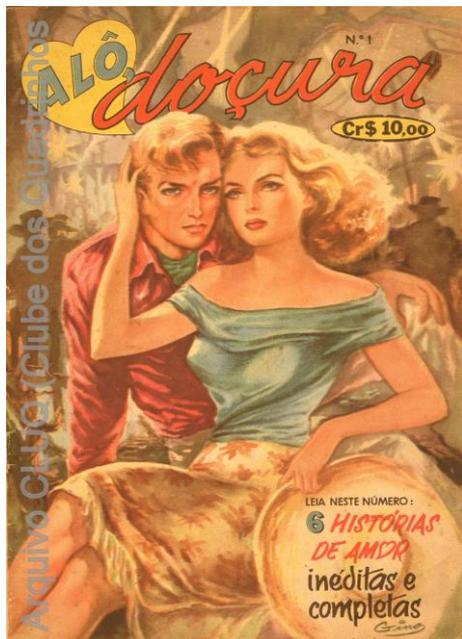
Com sua pele em tonalidade de verde e amarelo, em 1974 surge o Gênio do Calhambeque, com roteiros de Pedro Anísio e arte de Eugenio Colonnese, se aproveitando do título do rock de maior sucesso do Roberto Carlos para promover a Petrobrás. Tanto o Gênio do Calhambeque quanto Petrolino tinham o mesmo brasão no peito, o losango amarelo, logo da Petrobrás. O Gênio do Calhambeque era no estilo daqueles desenhos animados da Hanna-Barbera que havia uma turma de adolescentes e um personagem fantástico, tipo Tutubarão.



O Dr. Alpha, que apareceu em O Tico-Tico em 1905 ou 1907 (tenho fontes que indicam as duas datas, como as edições de 1905 não estão completas na Biblioteca Nacional, permanece o enigma, porque a primeira aparição do Dr. Alpha que eu vi é de 1907 e está indicando que é a parte 2), é considerado como conto ilustrado para alguns também, mas segundo o pesquisador Leonardo de Albuquerque, pioneiro no resgate dos super-heróis em O Tico-Tico: “Quanto ao Dr. Alpha, é uma obra de Arte Sequencial, apesar de ter mais texto do que quadros. Existem muitas formas de se conjugar o texto com a imagem, na Arte Sequencial. O Dr. Alpha não é conto ilustrado, pois possui imagens de meia página, conjugada com textos legendados, caracterizando-se também como Arte Sequencial. Não possui os balões, que não são essenciais para caracterizar uma arte como Quadrinhos. O Príncipe Oscar, da mesma forma, é Arte Sequencial, pois possui vários quadros por página associados a legendas, sendo, portanto, uma obra de Quadrinhos. Assim, estes personagens pioneiros da Arte Sequencial Brasileira têm seus méritos, e não podem ser confundidos com meros contos ilustrados, onde a ilustração não interage com o texto. Tanto no Dr. Alpha como em outras obras, esta interação Texto-Arte existe em muitos níveis. Dr. Alpha caracteriza-se, sim, como obra de Arte Sequencial, pois as legendas fazem a integração Texto-Arte; os quadros são grandes, apenas um por página, não possuem balões, mas a Estética é toda característica das HQs do início do século 20, onde o texto era legendado e a imagem era referida no texto. Este estilo fez a transição do conto ilustrado para a HQ com vários quadros por página e com balões, que se tornaria o padrão a partir dos anos 1920-30.”



Agradeço sua gentileza em abrir espaço para uma nota no próximo **QI**. Estou precisando de scan da capa (preferivelmente em 300 dpi) e algumas informações do miolo da revista **Alô, Doçura** nº 3. Esta coleção é muito importante, foi com ela que surgiu a editora Continental em 1959. Já consegui cadastrar as 11 revistas que compõem a coleção, só faltam as informações da nº 3. Anexo estou lhe enviando a capa da edição nº 1, muito pouco conhecida.



HENRIQUE MAGALHÃES
João Pessoa – PB

Recebi hoje o livro do Poeta Vital, muito obrigado. Fiquei encantado com o design do projeto, algo como um livro “cartonero”. O próprio volume do álbum ficou muito lindo, com cada série de uma cor. Que trabalhadeira deve ter dado fazer isso, mas valeu a pena, pois o resultado é uma pérola editorial. Parabéns!

Por coincidência, enviei-lhe hoje alguns livros que lancei ultimamente pela Marca de Fantasia, inclusive o dos livros “cartoneros” e um meu de contos.



TIRAS em TIRAS

A editora norte-americana IDW lançou em 2012 uma coleção chamada *The Library of American Comics (LOAC) - Essentials* com a seguinte característica: livros horizontais no formato de tiras de jornais, com cerca de 300 páginas, trazendo uma tira por página, contendo exatamente um ano de publicação de uma determinada série. Um formato de livro pouco usual que me levou a pensar se alguma vez chegou a ser usado com regularidade. Esta coleção já tem mais de uma dezena de volumes com séries como *Baron Bean*, *Polly and her Pals*, *The Gumps*, *Alley Oop*, *Tarzan*, *Krazy Kat*, etc.

Na apresentação do primeiro volume, o editor diz que o formato foi baseado nas encadernações que os syndicates faziam das provas das tiras que distribuía. Ou seja, encadernavam as provas das 300 tiras produzidas em um ano, de cada série, para o arquivamento. Mas não menciona nenhuma edição feita, lá nos EUA, neste formato. Olhei rapidamente em algumas referências e sites e não encontrei nada.

O formato tiras em revistas foi bastante usado, principalmente na Itália e na Espanha, nas décadas de 1940 e 50, inclusive com o famoso Tex. Aqui no Brasil, o formato (também chamado cheque) foi utilizado com muito sucesso seguindo o original italiano, na década de 1950. A Vecchi publicou *O Pequeno Sheriff* e *Xuxá*, e a Globo publicou *Júnior*, onde estreou Tex.

Em forma de livro, Adolfo Aizen publicou em 1935, *Aventuras de Bill, Detective Secreto*, com a primeira história de X-9, *O Caso Powers*. Na década de 1990, Armando Sgarbi publicou uma edição independente com a terceira aventura de X-9, remontando para o formato tira o que o *Suplemento Juvenil* havia desmontado para publicar na década de 1930. E Sgarbi usou este formato, na coleção que chamou *Tiras no Formato de Tiras*, infelizmente com apenas um número, como “uma homenagem à nostalgia do encanto produzido, a seu tempo, pelas publicações que usaram o feito das tiras em sua apresentação”. E cita vários livros publicados na época neste formato, com *Mutt & Jeff*, *Li'l Abner*, *Bronco Piler*, *Tarzan*, tanto por editores do *Suplemento Juvenil* como pelos do *Globo Juvenil*.

Hoje, com exceção dessa coleção da IDW, não tenho notícia de nenhuma edição nesse formato. Nos EUA, aparentemente não foi usado nas priscas eras. Terá sido, na década de 1930, uma inovação dos editores brasileiros (leia-se Adolfo Aizen)?



EDIÇÕES INDEPENDENTES

QUADRINHOS

AAAHRTE!!! * galeria de zines e acontecimentos criativos * n° 19 03 * 2019 * 43 pág. * arquivo em pdf via email * **Wagner Teixeira** – wnyhyw@gmail.com.

BATMAN E O SURREALISMO * estratégias poéticas surrealistas dentro do Asilo Arkham, estudo de Valter do Carmo Moreira * 2019 * 131 pág. * edição digital * a/c **Henrique Magalhães** – www.marcafantasia.com.

BELÉM 2019 * Histórias em Quadrinhos de E. Thomaz * n° 5 * out/2019 * 18 pág. * arquivo pdf via e-mail * **E. Thomaz** – nitronorato@bol.com.br.



BILLY THE KID * HQs de Giancarlo Malagutti, Arthur Filho, Drigo, Airton Marcelino * n° 32 * out/2019 * 40 pág. * A5 * capa color. * R\$ 15,00 * **Arthur Filho** – R. Espírito Santo, 232/02 – Porto Alegre – RS – 90010-370.

CALAFRIO * HQs de Clodoaldo Cruz e Chris Ciuffi, Guto Dias, Gian Danton e Marco Cortez, Ivan Lima, Eduardo Cardenas, Fulvio Pacheco * n° 64 * out/2019 * 52 pág. * 200x280mm * capa color. * R\$ 22,00 * **Daniel Saks** – R. Ademir de Barros, 1000/61 – Indaiatuba – SP – 13330-130 – revistacalafrio@gmail.com.

CARTUM * n° 134 * out/2019 * 24 pág. * A5 * color. * R\$ 130,00 (assinatura anual) * **Aldo Maes dos Anjos** – R. Antônio Bernardi, 2181 – Bairro Bateas – Gaspar – SC – 89113-200 – revistascartum@gmail.com.

CLUBE PLANET HQ * HQs de Cleuber e Don Martin * n° 75 * nov/2019 * 8 pág. * A5 * **José João de Arruda Filho** – R. Caranguejo, 249 – Eldorado – Diadema – SP – 09970-100.

CONVERSAS COM O CIBERPAJÉ * vida, arte, magia e transcendência, conversas de Edgar Franco com Danielle Barros * 2019 * 275 pág. * edição digital * a/c **Henrique Magalhães** – www.marcafantasia.com.

FANDAVENTURAS – O Caminho do Oriente * Raul Correia e Eduardo Teixeira Coelho * vol. 2 * out/2019 * 60 pág. * A4 * color. * 20,00 + 9,80 euros * **José Pires** – gussy.pires@sapo.pt.



GIBI DO HERÓI NACIONAL * HQs de Dom Pedro II, Sargento Pinheiro, A Garota do Aikidô, Pirataria, Orion * n° 16 * nov/2019 * 60 pág. * 180x260mm * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

GIBILÂNDIA * HQs de Rik Levins, Frank Frazetta, Alan Moore e Mike Collins, Mike Grell * n° 6 * out/2019 * 36 pág. * A5 * R\$ 25,00 * **Roberto Guedes** – Av. Iraí, 393, conj. 111 – São Paulo – SP – 04082-001 – guedesbook@gmail.com.

O JUSTICEIRO DE GARTH ENNIS * o mundo como graphic novel, estudo de Alberto Pessoa * 2019 * 69 pág. * edição digital * **Henrique Magalhães** – www.marcafantasia.com.



QUADRANTE SUL * HQs de Alex Guenther, Bruno Corrêa Gauto, Fabio Lopes, Ueslei Santos, entrevista com Toshihiro * n° 10 * ago/2019 * 32 pág. * A5 * capa color. * R\$ 10,00 * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380.

REALIDADE ALTERNATIVA * n° 6 * out/2018 * 4 pág. * A5 * **Denilson Reis** – R. Gaspar Martins, 93 – Alvorada – RS – 94820-380 – tchedenilson@gmail.com.

O VIGILANTE RODOVIÁRIO * texto e HQ inédita com O Vigilante Rodoviário, entrevista com Carlos Miranda * n° 1 * jul/2019 * 24 pág. * A5 * capa color. * **Paulo Ricardo Kobielski** – R. Carlos Gomes, 961 – B. Tupã – Alvorada – RS – 94824-380 – pr.kobielski@hotmail.com.



FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

JUVENATRIX * n° 203 * out/2019 * 12 pág. * arquivo pdf
via e-mail * **Renato Rosatti** – renatorosatti@yahoo.com.br.

OUTROS ASSUNTOS

CERCAS QUE SEPARAM QUINTAIS * série de contos situados na infância do autor, **Henrique Magalhães** * 2019 * 98 pág. * edição digital * **Henrique Magalhães** – www.marcadefantasia.com.

DVD-ZINE * *videozines de bandas underground, parceria de Androdead Bathory e Julie Albuquerque* * vol. 1 * mar/2016 * 1 pág. + capa + DVD * **Julie Albuquerque** – a/c Yasmin Fernandes – R Raimundo Soares Granjeiro, 136 – Ibiúna – SP – 18150-000 – kathoyqueerpunk@gmail.com.

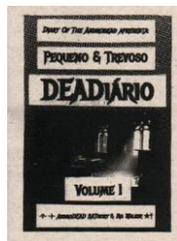
JUVENATRIX



FAÇA VOCÊ MESMO * o fanzine como representação do movimento punk em Juiz de Fora, estudo de **Susana Azevedo Reis** * 2019 * 254 pág. * edição digital * a/c **Henrique Magalhães** – www.marcadefantasia.com.

FILMES ANTIGOS * n° 17 * out/2019 * 36 pág. * 180x260mm * **José Salles** – C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970.

Pequeno & Treviso DEADIÁRIO * *mini livrozine escrito por Androdead Bathory e Bia Walker* * jun/2019 * 16 pág. * A7 * **Julie Albuquerque** – a/c Yasmin Fernandes – R Raimundo Soares Granjeiro, 136 – Ibiúna – SP – 18150-000 – kathoyqueerpunk@gmail.com.



PLANET DEAD TV * *videozines publicados originalmente na webtv Planet Dead TV, parceria de Androdead Bathory e Julie Albuquerque* * ago/2016 * 1 pág. +capa + DVD * **Julie Albuquerque** – a/c Yasmin Fernandes – R Raimundo Soares Granjeiro, 136 – Ibiúna – SP – 18150-000 – kathoyqueerpunk@gmail.com.

LITERATURA, POESIA e MÚSICA

O GARIMPO * n° 172 * **Cosme Custódio da Silva** – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.

LETRAS DE BAR * n° 23 * **Cosme Custódio da Silva** – R. dos Bandeirantes, 841/301 – Matatu – Salvador – BA – 40260-001.



QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Paulo Joubert Alves enviou folheto ilustrado do Feirão de Imóveis Pro Domo; folhetos ilustrados **Resistência aos Antibióticos**, **Conselheiros Tutelares de Belo Horizonte, Área Permeável**, todos da Prefeitura de Belo Horizonte; conta da Cemig com a tira 'Chic&Choc'; Mapa Ilustrado de Recife e Olinda; anúncio de jornal utilizando balões; anúncio da Pernambucanas com Turma da Mônica.



LEONARDO E LUTERO

Lio Guerra Bocorny

Não se trata de mais uma dupla sertaneja, e sim dos dois mais importantes personagens do século XVI.

Quando Martin Luther nasceu na Alemanha, Leonardo da Vinci na Itália já estava próximo dos trinta anos de idade.

Contudo, o ano marcante para ambos foi o de 1512, quando nossa pátria ainda engatinhava.

Em 1512, Leonardo foi para Roma e nesse mesmo ano Lutero (nome apertuguesado de Luther), um jovem padre com menos de 30 anos, recebia o grau de Doutor em Teologia.

Teriam se encontrado em Roma? A História não registra o fato, mas as possibilidades são muitas.

Leonardo viveria mais sete anos, exalando seu último suspiro no Castelo de Chambord, no Vale do Loire, na França, o qual teve o privilégio de admirar.

Nesse período, sob o papado de Leão X, fatos importantes aconteceram tanto no aspecto religioso como no histórico, senão vejamos alguns:

Tal papa, filho de Lourenço de Médici, o Magnífico, protegeu as artes, as ciências e as letras, mas propôs-se a libertar a Itália do jugo estrangeiro e tentou dominar as forças de Veneza, as de Carlos V e a do Rei da França, aliando-se ora a uns, ora a outros.

Para custear essas aspirações bélicas e mais a excentricidade da Catedral de São Pedro, concedeu as malfadadas “Indulgências”, visando a arrecadar o necessário numerário.

Essas práticas nefastas fizeram com que Leonardo se afastasse para a França a partir de 1515 e que Lutero, em 1517, denunciasse vigorosamente a prática das indulgências, afixando na porta da Igreja de Wittenberg as históricas 95 teses que redundaram na Reforma da Igreja.

A vida de Leonardo, cuja genialidade dispensa comentários, está resumida na **Epopéia** n° 2, de setembro de 1952.

Já a biografia de Lutero não me consta ter sido publicada em quadrinhos por nenhuma editora brasileira, provavelmente pelo fato da Igreja Luterana constituir no Brasil um número não tão significativo, constituído principalmente por descendentes de alemães, concentrada mais nos Estados Unidos.

A Igreja Católica, que havia de imediato excomungado Lutero, em fins do século XX revogou essa punição, não só levantando a excomunhão, como também reconhecendo que havia exagerado nas suas práticas extravagantes.

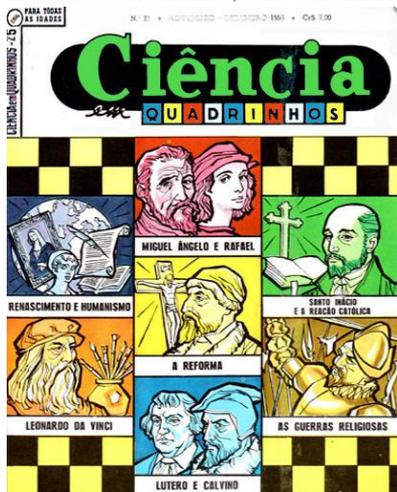
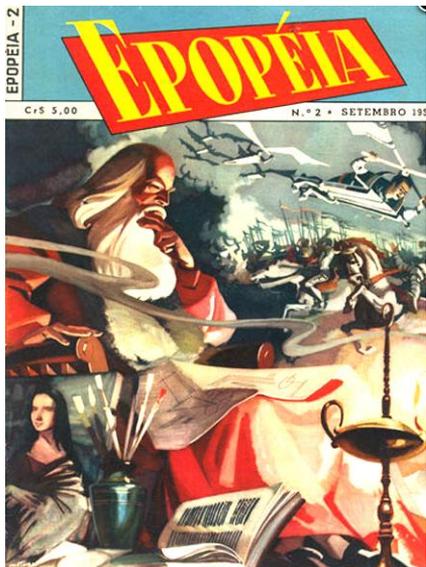
Na falta de biografia em quadrinhos, vamos ver algo mais sobre a vida de Martinho Lutero:

Nasceu em 1483 na cidade alemã de Eisleben na Saxônia-Anhalt. Teve boas educação universitária, e por um período estudou Direito, não completando, entretanto, tal curso, optando em ser monge agostiniano.

Seus ressentimentos contra a Igreja surgiram gradualmente. Tendo visitado Roma, ficou chocado com a venalidade e o materialismo do clero romano. Tal materialismo, como afirmou acima, foi a luz da razão do século XX, motivo suficiente da Igreja Católica reconhecer que a punição aplicada foi injusta. As tais indulgências eram atenuações garantidas pela Igreja das penalidades devidas aos pecados, podendo até mesmo reduzir o tempo que o pecador deveria permanecer no purgatório.

Autor prolífico, muitas de suas obras exerceram considerável influência. Um de seus trabalhos mais importantes foi a tradução da Bíblia para o alemão. Possibilitou que qualquer pessoa alfabetizada pudesse estudar as escrituras sem precisar contar com a Igreja ou seus padres. A excelente tradução da Bíblia teve enorme influência sobre a língua e a literatura alemã.

N.E.: A Ebal publicou algumas páginas sobre a vida de Lutero em **Ciências em Quadrinhos** n° 25, de julho de 1957. Recentemente houve pelos menos 3 edições com a vida de Lutero em Quadrinhos, por várias editoras.



História da Civilização-VII

INFORMAÇÃO

CLUBE PORTUGUÊS
DE BANDA DESENHADA



EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DOS 100 ANOS DO NASCIMENTO

DE EDUARDO TEIXEIRA COELHO O CLUBE PORTUGUÊS DE BANDA DESENHADA

... como é de conhecimento geral, decidi dar a conhecer a todos, a obra deste grande artista em todas as suas vertentes, mercê da valiosa colaboração do desenhador José Ruy, e, assim a obra de ETC foi dividida em temas e assuntos e todos os meses inauguramos uma exposição, com exceção do mês de Agosto (férias) mas englobamos duas exposições em Setembro. No mês de Novembro temos de fazer o mesmo, alterando para Dezembro com o resto do material do artista, incluindo dois colóquios confirmados de António Martinó e João Manuel Mimoso e um pendente de Oliveira Martins, fechando assim com chave de ouro o tributo que temos prestado a Eduardo Teixeira Coelho.



Convite para exposição sobre Eduardo Teixeira Coelho, enviado por Carlos Gonçalves.

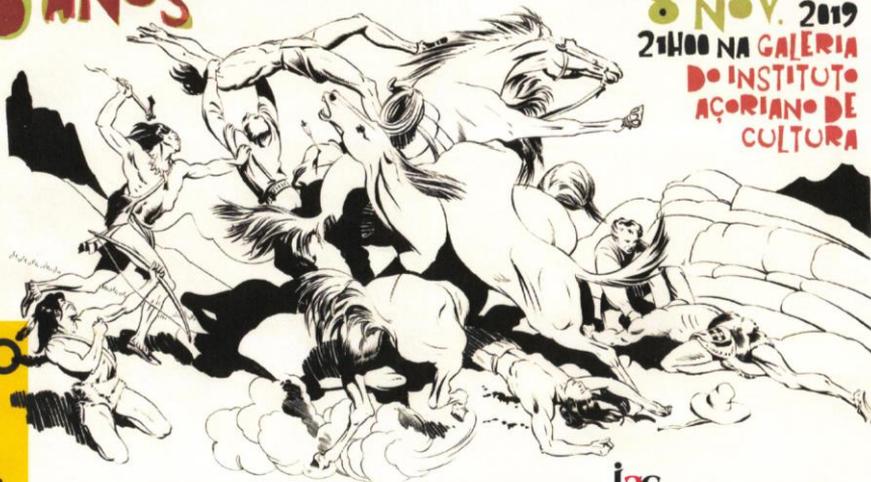
ETC COELHO

100 ANOS

PALESTRA JOSÉ RUY

8 NOV. 2019
21H00 NA GALERIA
DO INSTITUTO
AÇORIANO DE
CULTURA

GRÊMIO
DAS 9
CLUBE
DE LEITURA



iniciativa  instituto açoriano de cultura /apoio 

Cartaz de palestra proferida por José Ruy no Instituto Açoriano de Cultura.

POR: CELSO
RICARDO

O ARCO EM DOIS MUN- DOS.

DIA SUBCI-
MADO.

CÉU DE
OUTONO.



Ilustração de Celso Ricardo.

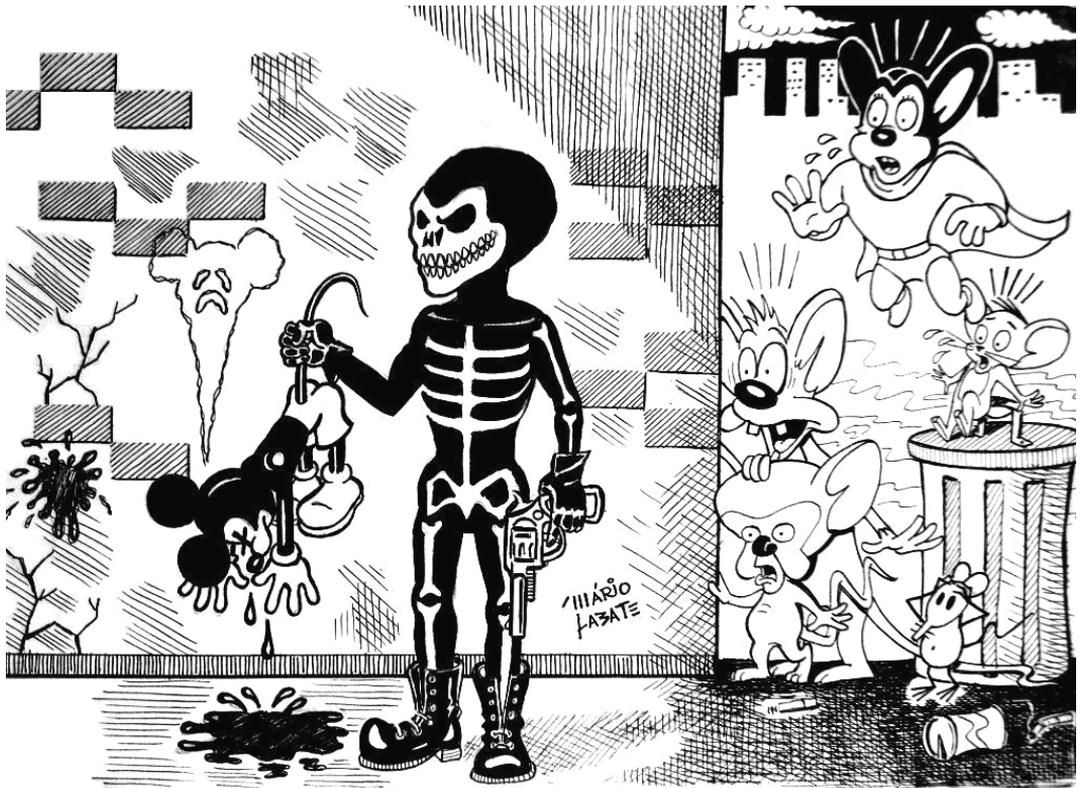
A MENINA E A ABELHA !!



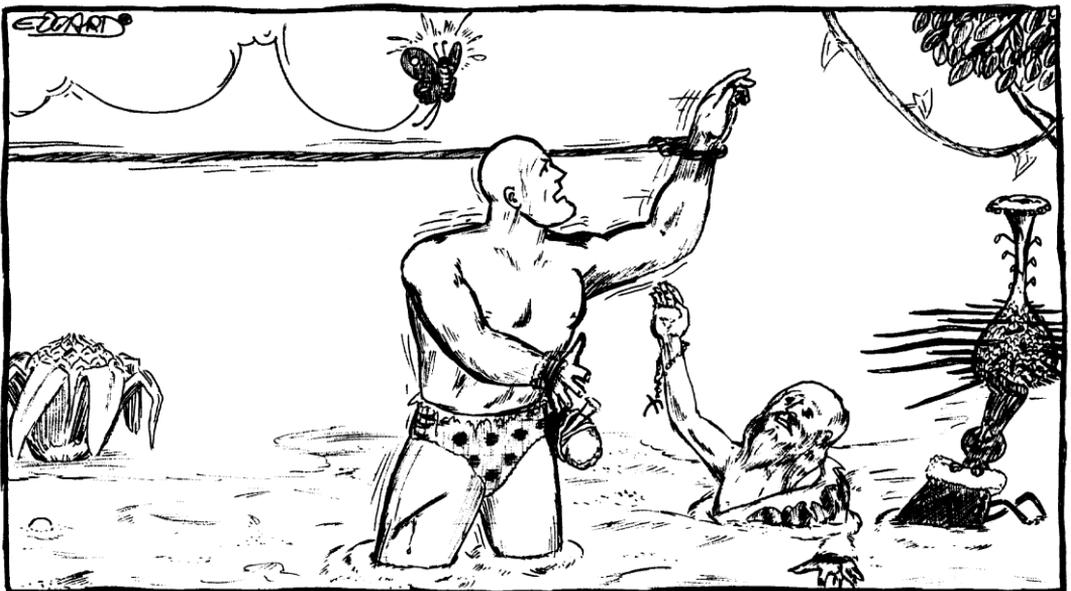
O PROCTOLOGISTA!!!



Colaboração de Luiz Cláudio Lopes Faria.



Colaboração de Mário Labate.



Mais um desenho avulso do personagem Bi, criado por volta de 1970.

